

# PSICANÁLISE E ECOLOGIA: POR UMA ESCUTA AMPLIADA DOS SONS DA TERRA

PSYCHOANALYSIS AND ECOLOGY: FOR AN EXPANDED  
LISTENING TO THE SOUNDS OF THE EARTH

PSICOANÁLISIS Y ECOLOGÍA: PARA UNA ESCUCHA  
AMPLIADA DE LOS SONIDOS DE LA TIERRA

Karin Kepler Wondracek<sup>1</sup>

Resumo: A proposta do ensaio é redescobrir e ressituar-nos em relação à Terra e ao mundo mais que humano. No percurso, busca-se questionar saberes antropocêntricos e dualismos aprendidos que afastam os humanos do seu pertencimento ao mundo natural. As raízes comuns de Freud e da ecologia erótica de Weber na fenomenologia da natureza de Goethe tecem aproximações possíveis: a proposta é redescobrir-nos participantes e ligados em nossa identidade a esse mundo permeado de Eros. Com a escuta analítica “ampliada”, objetiva-se identificar possíveis “sons” dessa ligação: no levantamento do recalque deste pertencimento; na ressignificação da morte pela natureza; na identificação de um outro mal-estar; na polissemia da escuta ampliada na clínica; no espelhamento da natureza em situações de dor e desamparo; na descoberta do enraizamento de nossa fala e escuta analítica na vivacidade dos povos orais. O convite aos psicanalistas é para se deixarem sensibilizar e expor ao *unheimliche* do erótico da Terra, e a também co-laborarem para o predomínio de Eros sobre as forças destrutivas que ameaçam a todos.

Palavras-chave: Eros e Thanatos. Ecologia erótica. Escuta ampliada. Alienação. Mundo mais que humano.

*Abstract: The essay proposes to rediscover and reposition ourselves to Earth and the more-than-human world. Along the way, it questions anthropocentric knowledge and learned dualisms that distance humans from their belonging to the natural world. The common roots of Freud and Weber's erotic ecology in Goethe's phenomenology of nature weave possible connections: the proposal is to rediscover ourselves as participants and connect to our identity in this world permeated by Eros. Through "expanded" analytical listening, it aims to identify possible "sounds" of this connection: in uncovering the repression of this belonging; in the redefinition of death by nature; in the identification of another discontent; in the polysemy of expanded listening in clinical settings; in the mirroring of nature in situations of pain and helplessness; in discovering the rootedness of our speech and analytical listening in the vitality of oral cultures. The invitation to psychoanalysts is to allow themselves to be sensitized and*

<sup>1</sup>Psicanalista com atividade clínica em Porto Alegre e on-line, membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, coordenadora e supervisora. Doutora em teologia pela Faculdade EST com tese na interface da psicanálise, fenomenologia da vida e teologia. Professora pesquisadora associada à Faculdades EST com pesquisa atual sobre ecologia, saúde mental e espiritualidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5713-5016>. E-mail: [karinkw@gmail.com](mailto:karinkw@gmail.com)

*exposed to the uncanny in eroticism of the Earth, and also to collaborate in favor of Eros prevailing over destructive forces that threaten everyone.*

*Keywords: Eros and Thanatos. Erotic ecology. Expanded listening. Alienation. More-than-human world.*

*Resumen: El propósito del ensayo es redescubrirnos y reubicarnos en relación con la Tierra y el mundo más-que-humano. En el camino, buscamos cuestionar el conocimiento antropocéntrico y los dualismos aprendidos que distancian a los humanos de su pertenencia al mundo natural. Las raíces comunes de Freud y de la ecología erótica de Weber en la fenomenología de la naturaleza de Goethe tejen posibles enlaces: la propuesta es redescubrirnos como participantes y vinculados en nuestra identidad a este mundo permeado por Eros. Con una escucha analítica "ampliada", apuntamos a identificar posibles "sonidos" de esta conexión: en el examen de la represión de esta pertenencia; en la resignificación de la muerte a través de la ecología erótica; en la identificación de otro malestar, en la polisemia de la escucha ampliada en la clínica; en el reflejo de la naturaleza en situaciones de dolor e impotencia; en el descubrimiento del arraigo de nuestra habla y escucha analítica en la vivacidad de los pueblos orales. La invitación a los psicoanalistas es a dejarse sensibilizar y exponer a lo ominoso de lo erótico de la Tierra, y también a co-laborar por el predominio de Eros sobre las fuerzas destructivas que amenazan a todos.*

*Palabras clave: Eros y Thanatos. Ecología erótica. Escucha extendida. Alienación. Mundo más que humano.*

Estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis.

Ailton Krenak

É uma questão de sair do regime da representação e reasombrar-se com a animação da matéria.

Donna Haraway

*As nuvens que trouxeram chuva nesta manhã esgarçaram, e agora o sol ilumina timidamente as gotas pousadas nas folhas e flores. Os pássaros seguem sua cantoria intensa... afinal, é primavera, tempo de acasalamento, ninhos e filhotes.*

*As gotas de água penetram lentamente o solo coberto de folhas, umedecendo raízes e fungos, atraídas pela gravidade da Terra, energizando fontes e rios em sua jornada rumo ao mar.*

*Os troncos de todos os tamanhos bombeiam a seiva até o topo, devolvendo umidade à atmosfera, enquanto as folhas banhadas por luz realizam o milagre do ar.*

Alguns leitores e leitoras poderão se perguntar o que faz um texto a respeito de uma manhã primaveril numa revista científica de psicanálise... e gostaria de replicar questionando qual conceito de ciência está permeando a questão. Se for o conceito moderno que a partir do dualismo cartesiano destacou o humano como único ser linguajeiro, que atribuiu apenas à nossa espécie capacidades racionais e concebeu a natureza como matéria não inteligente, concordo que não caberia destacar os sutis e inteligentes movimentos dos outros seres com os quais compartilhamos a vida neste planeta.

Mas se nos abirmos a um pensamento científico que busca superar dualismos criados na modernidade (Michel Henry, Whitehead, Stengers, Haraway, Adam, Weber, Viveiros de Castro, Krenak, entre muitos outros), cabe iniciar este texto com a tomada de consciência de minha imersão num mundo vivo em constante comunicação. E em primeira pessoa, pois minha subjetividade também deve ser considerada nesta pesquisa de campo sensorialmente encarnada, pois é meu corpo, alma e espírito (provavelmente sem tal divisão...) que são impactados pelas experiências. Segundo Haraway<sup>2</sup> (2023), justamente faz parte do processo científico *atribuir corpo* a todo aquele que faça uma reivindicação de verdade, bem como considerar a relação com outros – humanos e mais que humanos.

Esse é o ponto de partida para narrar o que vivi, observei e pesquisei nesse processo de *reflorestar-me*, tomando emprestada a expressão de Eliane Brum.<sup>3</sup> No sentido de “ser um outro jeito de me entender *no mundo, com o mundo, sendo mundo*” (BRUM, 2021, p. 48). Não se trata de processo apenas geográfico, mas de sensibilização para o mundo vivo que nos forma e envolve, seja onde estivermos (WONDRACEK, 2023). Além de Brum, fui fertilizada no meu *reflorestamento* por outros autores, que me acordaram para o significado constitutivo e profundo desse percurso “mato adentro”, ou de aquisição da *florestania*, como expressa Ailton Krenak (2022, p. 65)<sup>4</sup> utilizando o termo criado

<sup>2</sup> Donna Haraway (1944-) é bióloga e filósofa que, por seu ativismo, produção acadêmica, enfoque interdisciplinar e modo de vida alternativo, tornou-se referência nos campos da antropologia, da ficção científica, tecnociência, primatologia, biologia, filosofia, pensamento feminista, entre outros. Entre seus livros destaco *Manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa; Quando as espécies se encontram; A reinvenção da natureza*. Professora emérita na Universidade da Califórnia/Santa Cruz, atualmente lá vive com seu companheiro, seus cachorros e algumas galinhas.

<sup>3</sup> Eliane Brum (1966-) é jornalista reconhecida e premiada internacionalmente, nascida no Rio Grande do Sul, que decidiu assumir seu fascínio pela floresta amazônica e se mudar para Altamira (PA), para acompanhar mais de perto as transformações vividas por aquela região com as obras da hidrelétrica de Belo Monte. A partir disso denunciou a destruição do tecido social dos ribeirinhos e quilombolas, e a mortandade dos animais e plantas. Seu livro *Banheiro òkotó: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo* (2021) é um soco no estômago, necessário para acordar enquanto é tempo. Com apoio de psicanalistas de São Paulo, Eliane criou a Clínica do Cuidado, de escuta psicanalítica para os atingidos pela barragem, e em 2022 lançou, junto com outros jornalistas, o portal Sumaúma – Jornalismo do Centro do Mundo (sumauma.com), que dá voz às muitas pessoas humanas e não humanas que lá vivem. Foi este portal que denunciou o genocídio yanomami.

<sup>4</sup> Ailton Krenak (1953-) é líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor brasileiro da etnia indígena krenaque e Imortal da Academia Brasileira de Letras. *Doutor honoris causa* pela UNB e pela UFJF, é considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional. Participou da Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a Constituição Brasileira de 1988, na qual protagonizou um dos momentos mais marcantes: em discurso na tribuna, pintou o rosto com a tinta preta do jeni-papo, segundo o tradicional costume indígena brasileiro, para protestar contra o que considerava um retrocesso na luta pelos direitos dos povos indígenas brasileiros. Em 1988, participou

por Chico Mendes. E para que os autores e autoras também “tenham corpo” e sejam percebidos como pessoas e não apenas como textos, acrescentei breve biografia em notas de rodapé. Isso equivale a indicar as conexões – tal como “fungos” e “raízes” – do meu texto-árvore. E como sou treinada na arte da escuta, também usei colocar mais citações literais para que os leitores e leitoras tenham a própria palavra dos que ajudaram a me reflorestar, recheadas de grifos para mostrar o que mexeu comigo.

Há alguns anos mudamos para o campo, para viver a idade madura mais em contato com a natureza. Os tempos e os sons do dia e da noite, as mudanças de estação, tudo ficou muito vívido no dia a dia, mudando nosso ritmo de acordar e dormir. O recolhimento forçado durante a pandemia incrementou tal sensibilização. Com o silêncio humano ao redor, a percepção e o encantamento com o mundo natural e seus habitantes cresceram a cada dia e a cada noite, ao mesmo tempo que as tristes notícias do adoecimento geral chegavam a nós. Neste tempo tive a companhia de autores como Ailton Krenak<sup>5</sup> e David Abram, que, ao refletirem sobre suas vivências junto aos povos orais e suas relações com os seres mais que humanos, acordaram mais percepções dos laços que unem a todos, diminuindo o desamparo e a desesperança:

Na floresta não há essa substituição da vida, ela flui, e você, no fluxo, sente a sua pressão. Isso que chamam de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno, em que a gente soubesse de onde vem o que comemos, para onde vai o ar que respiramos. Para além da ideia de “eu sou a natureza”, *a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são o nosso espelho na vida* (KRENAK, 2020, p. 99, grifo meu).

Os nossos corpos formaram-se em delicada reciprocidade com as multivariadas texturas, sons e configurações de uma terra animada – os nossos olhos evoluíram em subtil interação com *outros* olhos, tal como os nossos ouvidos estão afinados pela sua própria estrutura, para os uivos dos lobos e o grasnar dos gansos. Isolarmo-nos dessas outras vozes, continuar, pelo nosso estilo de vida, a condenar essas sensibilidades diferentes ao esquecimento da extinção, *é roubar aos nossos próprios sentidos a sua integridade e roubar às nossas mentes a sua coerência. Só somos humanos no contacto e na sociabilidade com o que não é humano* (ABRAM, 2007, p. 22, grifo meu).

Palavras fortes, que interligam a alienação e extinção do mundo natural com a perda da nossa identidade e saúde psíquica. Ainda acham que ecologia não tem a ver com psicanálise?

da fundação da União dos Povos Indígenas, organização que visa a representar os interesses indígenas dentro do cenário nacional. No ano seguinte, participou da Aliança dos Povos da Floresta. Seus livros espelham a cosmovisão indígena de conexão com as demais espécies e apontam os graves riscos com seu desconhecimento.

<sup>5</sup> Agradeço à amiga psicanalista Sueli Santos pela iniciativa de ler, durante o confinamento, trechos de *Ideias para adiar o fim do mundo* de Krenak, e assim nos aliviar a ansiedade e nos florestar no nosso chão.

Edward Wilson,<sup>6</sup> biólogo, cunhou a “hipótese biofílica” para apontar nossa relação constitutiva com a natureza, pois somos natureza em nossa corporeidade, mas isso foi recalcado na modernidade:

O ser humano busca a natureza porque perdeu algo dentro dela. Em nossos corpos somos natureza. Nossa essência consiste em carne e sangue. Somos criaturas orgânicas conectadas por múltiplos aspectos emocionais ao mundo mais que humano, um reino que não está sujeito apenas ao nosso raciocínio (WILSON, 1994 apud WEBER, 2016, p. 6).

Depois de séculos de dualismos, mantemos apenas um resto desta conexão nos animais de estimação, nos tecidos florais, nos quadros de paisagens e objetos decorativos com motivos naturais, nos bichinhos de pano das crianças e nos contos com personagens da natureza. Também nossas fobias de animais foram relacionadas por Wilson à hipótese biofílica e ganhariam desta forma interessante abordagem complementar, enriquecida pelo diálogo entre psicanálise e ecologia que está começando...

Gostaria de convidá-los, a, durante esta leitura, tentar suspender algumas certezas antropocêntricas herdadas, e nisso fazer o exercício, proposto pelo psicanalista Cláudio Rossi já em 2007 num texto pioneiro sobre psicanálise e ecologia, de estender a atenção flutuante do analista para além do humano, em direção a todos os seres e coisas, pois “nada é insignificante, nada é desprezível. A destruição de um ser aparentemente desnecessário ou mesmo pernicioso pode gerar um grande desequilíbrio ambiental, para prejuízo de todos. *Isso é verdadeiro na ecologia e na psicanálise.*” Rossi lembra que Freud nos trouxe o legado da importância da democracia e da equanimidade no mundo interno, e propõe que isso também valha para o mundo externo (ROSSI, 2007, p. 26, grifo meu).

Nesse gesto de escuta flutuante de tudo e todos, estaremos, segundo o líder yanomami Davi Kopenawa,<sup>7</sup> recuperando o que foi esquecido ou recalcado da identidade humana: nosso pertencimento ao mundo visível e invisível.

<sup>6</sup> Edward O. Wilson (1929-2021) foi um renomado entomólogo e biólogo norte-americano conhecido por seu trabalho com ecologia, evolução e sociobiologia. Considerado como o “Darwin do século XXI” ou o “herdeiro de Darwin”, Wilson era especialista em mimecologia, a área da biologia que estuda as formigas, o que o levou a ser chamado de “homem formiga”. Wilson é considerado o pai da sociobiologia e da biodiversidade por seu trabalho com a proteção do meio ambiente e por suas ideias deístas e humanista-seculares a respeito de assuntos éticos e religiosos. Entre suas grandes contribuições para a teoria ecológica está a teoria da biogeografia insular, desenvolvida com o ecólogo matemático Robert MacArthur. Tal teoria foi a base para a criação de áreas de conservação. “Edward O. Wilson”. In: Wikipedia. Disponível em: [pt.wikipedia.org/wiki/Edward\\_Osborne\\_Wilson](https://pt.wikipedia.org/wiki/Edward_Osborne_Wilson)

<sup>7</sup> Davi Kopenawa (1956-) escritor, líder e xamã yanomami, tornou-se um dos responsáveis, junto com o antropólogo Bruce Albert e a fotógrafa Cláudia Andujar, pela criação do Território Indígena Yanomami em 1992. É autor, com Bruce Albert, da obra *A queda do céu: palavras de um xamã* (2010 – francês; 2015 – português, 729 páginas [!], com prefácio de Eduardo Viveiros de Castro). Kopenawa declara que participou da obra por sentir sua a responsabilidade de alertar o povo branco das consequências de seu comportamento destrutivo. Livro considerado fundamental para compreensão da cosmovisão yanomami e da história brasileira na sua perspectiva. Traz um alerta contundente dos efeitos da alienação do povo branco de seu pertencimento ao mundo natural e ao mundo espiritual. Aponta as consequências funestas da destruição da floresta, da presença do garimpo e das missões religiosas cristãs entre os yanomamis, entre outros fatores. Bruce Albert há 40 anos visita e estuda o povo e a língua yanomami e tem se constituído em seu porta-voz na comunidade científica internacional.

Estaremos, segundo ele, ampliando nosso pensamento, que no dizer dele é “confuso e obscuro, pois na cidade ouvem apenas o ruído de seus aviões, carros, rádios, televisores e máquinas” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 76). Críticas fortes, que convidam a alargar nossa escuta da vida que pulsa para além dos corpos humanos e dos artefatos por eles criados, por vezes nos restos e brotos retorcidos dos sonhos.

Restos são material precioso para psicanalistas... mas será que temos ouvidos treinados para escutar o que está para além dos códigos conhecidos, bem como para perceber as dores da alienação de nossa identidade “natural”? Andreas Weber<sup>8</sup> pode nos ajudar nessa escuta. Ele participa de um movimento que, a partir dos ensinamentos da fenomenologia da natureza de Goethe, trabalha a aproximação entre humanos e a vivacidade que permeia o mundo. O jovem Freud também foi impactado pela fenomenologia da natureza de Goethe, a tal ponto que o fez decidir-se pela medicina (NOGUEIRA, 2008). Parece que Freud encontrou no assombro de Goethe para com a natureza – retomando a epígrafe acima – um convite para a sensibilização de si com seu estudo.<sup>9</sup> (Já não consigo escrever “com seu *objeto* de estudo...”). Talvez esteja nesta “sensibilização de si” um dos precursores da relação de transferência e contratransferência? Um tema para outras caminhadas...

A partir de Goethe e Merleau-Ponty, Weber afirma que não experimentamos o mundo principalmente com nossas mentes, mas com nossos sentidos e nossos corpos desejantes, e a consequência dessa conexão na carne é que percebemos o mundo não como uma reação causal em cadeia, mas como um vasto campo de significados para nosso próprio desenvolvimento:

Dependemos da presença da natureza como um *espelho simbólico ou um repertório que reflete ou expressa nossa vida interior*. Coletamos o alimento para nossos pensamentos e conceitos mentais do mundo natural. Transformamos plantas e animais em símbolos emocionais/cognitivos (WEBER, 2016, p. 6, grifo meu).

Temos “fome de leão”, gostamos de “lagartear” e de “borboletear”, para citar alguns exemplos. Weber expressa que a natureza mostra em sua

---

<sup>8</sup> Andreas Weber desde pequeno se encantava com a natureza, e ficou muito decepcionado com a abordagem mecanicista do seu curso de biologia. Foi no doutorado de filosofia em Paris, orientado por Varela, que desenvolveu o conceito de *vivacidade* como comum a todos os vivos e teorizou a respeito da ecologia poética e ecologia erótica. Mais tarde aproximou-se da biossemiólogia da Universidade de Tartu, Estônia, especialmente do semiólogo Kalevi Kull, descobrindo que naquele pequeno país báltico se manteve uma corrente da biologia baseada na fenomenologia da natureza de Goethe. Esta crítica a prioridade dada pela biologia do século XX às teorias darwinistas de competição e seleção natural. Essa escola de pensamento não vê os seres como máquinas eficientes engajadas em competição genética, mas como “pensamentos da natureza”, enfatizando mais a capacidade de colaboração e relacionalidade entre os seres vivos, atribuindo-lhes subjetividade, criatividade e desejo. Os títulos dos livros de Weber indicam esse caminho – *Biology of wonder: aliveness, feeling and the metamorphosis of science* e *Matter and desire: an erotic ecology* – e combinam a rica vivência na natureza, os diálogos com os seus interlocutores e os conceitos teóricos.

<sup>9</sup> “A fenomenologia da natureza de Goethe não tem como ponto de partida uma dicotomização entre sujeito e objeto. Como método de pesquisa, envolve a formação do sujeito pesquisador ao apresentar o desafio de uma educação crítica dos sentidos, um aperfeiçoamento da relação entre o sujeito e suas impressões sensoriais.” Essa postura “exige um processo de transformação nos modos de pensar, sentir e agir daquele que está imerso na dinâmica de conhecer o fenômeno” (BACH, 2015, p. 806).

exterioridade o que para nós humanos se abriga na interioridade. Nela, o erótico está escancarado, como no perfume e beleza das flores, no vigor do crescimento das árvores, no sussurro das folhas ao vento, na sofreguidão das abelhas em busca do pólen. Essa imersão na natureza desejan-te levou Weber a formular a ecologia como *erótica*. Ouçamos suas palavras:

Na ecologia erótica, o sentimento de alegria é parte integrante de um ecossistema próspero. Cada relação dentro da rede da vida produz significado, porque para as criaturas envolvidas, compreende durante toda a vida o seu desejo existencial de habitar um corpo como um eu e de continuar a desenvolver esse eu. Através desta experiência – e é precisamente isso que a torna erótica – cada criatura pode perceber o seu reflexo em todas as outras, *porque todos temos um corpo sensível e vulnerável que depende tanto dos vínculos como do ar que respiramos*. De acordo com este princípio profundo, sabemos como os outros seres se sentem, porque eles têm corpos como os nossos (WEBER, 2017, p. 10, grifo meu).

Apesar do possível choque conceitual, resultante dos esquemas aprendidos que separam o que está unido no mundo, seria importante que psicanalistas, que vivem de escutar expressões de Eros, se interessassem por estas manifestações eróticas outras. E também se perguntassem pelas possíveis defesas na teoria e na clínica contra tal percepção, defesas que reforçaram cisões tomadas como verdades pelo pensamento moderno. Talvez tenhamos que complementar a lista das feridas narcísicas enumeradas por Freud em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (FREUD, 1917), e assumir que estamos diante da quarta ferida, a da retirada de nossa espécie do topo da cadeia zoológica e do exclusivismo de racionalidade e linguagem (WONDRACEK, 2022). Os demais seres respirariam aliviados... e teriam maior sobrevivência.<sup>10</sup> E, segundo Krenak e Kopenawa, recuperaríamos, como ocidentais, nossa memória, identidade e saúde. E talvez a própria sobrevivência...?

Para o filósofo Michel Henry e os psicanalistas Tales Ab'Saber e Carlos Plastino, esse desconhecimento se constitui em camisa de força para a potência do nosso ofício (apud WONDRACEK, 2010).<sup>11</sup> Talvez, para começar a ampliar a escuta, possamos nos deixar impactar por esta citação de David Abram:

O coro de rãs que coaxa em uníssono à beira de um charco, o rosnar de um gato selvagem quando salta sobre a presa, ou o distante grasnido do ganso do Canadá que voa para o sul para passar o Inverno, reverberam todos com significação afetiva, gestual, a mesma significação que vibra nas nossas conversas e solilóquios, levando-nos por vezes às lágrimas,

<sup>10</sup> Pois o recalque de Eros para com a Terra e o predomínio de Thanatos está atolando a todos na catástrofe climática, levando ao risco de extinção em massa de espécies e a 250.000 mortes humanas adicionais por ano até 2030. Segundo Rossi (2007, p. 26): “Foi necessário que a destruição da natureza chegasse ao ponto a que chegou para que o ser humano percebesse que havia ‘ambiente’ e ‘biodiversidade’ com a dignidade e o significado que esses conceitos têm no contexto das questões ecológicas. Somos levados a pensar que, de fato, é muito difícil para os humanos abrirem mão da ilusão de que o universo está aí para satisfazer todos os seus desejos, sem limites de qualquer espécie. É necessário que a natureza dê sinais de estar ‘morrendo’ para que as pessoas acreditem que ela é esgotável”.

<sup>11</sup> Este foi o tema da pesquisa de doutorado (2010), que, a partir dos conceitos de Michel Henry a respeito das cisões no pensamento ocidental, perscrutou sinais destas na teoria e clínica psicanalítica.

à cólera, ou a visões intelectuais que nunca poderíamos ter previsto. A linguagem como fenômeno corporal é atributo de todos os corpos expressivos, não apenas do humano. A nossa própria fala, então, não nos põe no exterior da paisagem animada – quer tenhamos consciência disso quer não –, *mas inscreve-nos mais completamente nas suas profundezas chilreantes, sussurrantes e plenas de som*” (ABRAM, 2007, p. 82, grifo meu).

Nossa fala é convidada pela fala não humana a reconhecer sua inscrição no interior da paisagem animada. Se choca nossos ouvidos ler sobre a comunicação viva dos mais que humanos, talvez tenhamos de refletir sobre os condicionamentos recebidos na nossa educação formal e informal. O antropocentrismo vigente por séculos nos alijou e atrofiou a relação com os demais seres, considerando-os “inferiores”, “primitivos” e “não inteligentes”. Hoje, perante a catástrofe climática, esse modo egoístico de viver e fazer ciência está mostrando sua dimensão tanática, segundo Isabelle Stengers<sup>12</sup> (2023).

Como estímulo para fazer trabalhar este tema, enumero alguns “sons” escutados durante o processo de *reflorestamento*, nos ensaios de prestar mais atenção ao mundo mais que humano e às possíveis ressonâncias para nossa teoria e clínica:

### SOM 1: O RECALQUE DE NOSSA LIGAÇÃO ERÓTICA

Trago à mente o texto freudiano sobre o infamiliar (FREUD, 2019), *Das Unheimliche* de 1919 – o conhecido (*Heim*, “casa”) tornado estranho e sinistro pelo recalçamento. Não estará ali uma chave para compreender a nossa alienação do nosso chão de vida? Pelo recalque, a atração pela nossa Casa-Mãe-Terra (*Heim*) foram tornadas inferiores e sujas. Trazendo uma pincelada das teorias de gênero, podemos ver nisso o processo de consolidação do antropocentrismo ocidental branco e masculinista, que dá primazia ao tipo de racionalidade que nega a inteligência de todos os demais seres, a começar por mulheres e crianças, quanto mais de seres não humanos. Todos foram objetificados e com isso abriu-se a licença para sua exploração e exploração.

É impossível não relacionar o confinamento europeu do feminino ao interior da casa com o confinamento da Terra para longe da casa, o sensorial e “selvagem” tornado assustador. Mulheres e natureza em união... que perigo! Jeca Tatu nos instrui que os pés sempre precisam estar calçados, a terra é suja e perigosa. As mães ensinarão a seus filhos a alienação a que foram submetidas, especialmente depois da caça às bruxas na Idade Média, reforçada pelo movimento higienista na chegada ao século XX. “Deixem a saúde aos homens de jaleco branco e suas químicas incompreensíveis, nada de saberes ancestrais da natureza sobre os males do corpo e da alma...”, parece ecoar pelos corredores das cidades higienizadas, como nos conta Jurandir Freire Costa (1989).

<sup>12</sup> Isabelle Stengers (1949-), filósofa e historiadora da ciência, é professora na Universidade Livre de Bruxelas. Com o cientista russo Ilya Prigogine, escreveu sobre teoria do caos. Seus mais recentes trabalhos referem-se à sua proposta de cosmopolítica, um aspecto-chave ao qual Bruno Latour se refere como “composição progressiva de um mundo comum” no qual o não humano e o humano estão intimamente ligados. Seu “Manifesto por uma Desaceleração das Ciências” tem suscitado amplas discussões acerca do modelo de pesquisa científica do Ocidente que não investiga as questões essenciais, perdendo-se em profusão de dados. Sua apreciação crítica da priorização do mecanismo de visão na parafernália científica ilustra bem essa questão.



Assepsia a serviço da morte do outro como ser de saber e direito! A jornalista Eliane Brum vai mais longe, e estabelece uma relação entre o estupro da mulher com o estupro da floresta (2021). Ao invés de comunhão por Eros a posse tanática, tantas e tantas vezes traumatizando e destruindo... Não será por acaso que Davi Kopenawa sente como sua missão de vida o alertar o homem branco de sua alienação, de sua pobreza ontológica pelo esquecimento desta conexão com o todo, que ao final o levará à própria morte, mas ainda sem saber lidar com ela:

Os brancos nos chamam de ignorantes apenas porque somos gente diferente deles. Na verdade, é o pensamento deles que se mostra curto e obscuro. Não consegue se expandir e elevar, porque eles querem ignorar a morte. [...] Para nós, a política é outra coisa. São as palavras de *Omama* e dos *xapiri que ele nos deixou*. São as palavras que escutamos no tempo dos sonhos e que preferimos, pois são nossas mesmo. Os brancos não sonham tão longe como nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos. Seu pensamento permanece obstruído e eles dormem como antas ou jabutis. Por isso não conseguem entender nossas palavras (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 390).

Quando Kopenawa fala da estreiteza do pensamento branco, do seu desconhecimento das conexões de vida com o mundo visível e invisível que o cerca, do seu individualismo até no sonhar, indica que a ampliação da escuta para os outros seres também será aprofundamento de nossa identidade e saber viver.

Justamente a psicanálise com seu saber a respeito do desejo pode ajudar a levantar o recalque deste Eros in-familiar que nos atrai continuamente, e assim contribuir para que as causas ambientais sejam causas de sujeitos de desejo:

Essa dimensão pulsional necessita ser simbolizada ou compreendida sob a extensão da crise ambiental por ser, sobretudo, um sintoma que localiza a dor humana, situando a desigualdade social sem precedentes, que rasga o tecido social em diferentes locais e distintos contornos... (FARIAS, 2021, p. 168).

Em suma, a crise ambiental precisa de sujeitos de desejo para fazer Eros prevalecer!

## SOM 2: EROS E THANATOS À LUZ DA ECOLOGIA ERÓTICA

Freud, herdeiro do seu tempo, construiu a primeira tópica sobre o modelo mecanicista vigente na época. Mas em 1920, no *Além do princípio do prazer* (1977a), aproxima o psiquismo humano da biologia, trazendo um ser vivo como modelo, a ameba. Se relemos essa aproximação com Andreas Weber, influenciado por Goethe como Freud, não consideraremos esse modelo apenas como metáfora, mas como intuição da interligação de todos os seres vivos, todos possuidores de subjetividade e desejo, palavra muito cara à psicanálise.

Na segunda dualidade pulsional, se Eros for ampliado para o erótico e sensível de todos os seres, também Thanatos o será. E na natureza, o tanático pode ser transformado em sustento da vida: a floresta só vive porque as árvores mortas, decompostas pelos bilhões de fungos, fornecem-lhe a nutrição. A partir da morte, se gera nova vida...

Será que nosso distanciamento da Terra também nos alienou das múltiplas

dimensões do morrer? Para Kopenawa, como vimos, esta ignorância é a causa da nossa alienação. Mas se superarmos o pensamento dualista e acolhermos o paradoxo de viver Eros e Thanatos, poderemos aprender com as plantas que a morte pode ser preparatória ao processo “escandaloso” de vida, como expressa Andreas Weber, no seu longo capítulo sobre “morte” no livro sugestivamente chamado de *Matter and desire*.

Para que o desejo possa se desdobrar em um corpo como um gesto criativo, profundamente vulnerável, ele já deve trazer sua negação dentro de si. Deve ser um impulso que sabe de seu próprio fim iminente e, portanto, é livre para perseguir os riscos do crescimento e do apego e se arriscar no processo. Para falar com as palavras de Kalevi Kull (biossemiólogo), o desejo deve ser incompatível consigo mesmo, quebrado internamente, uma impossibilidade – e nesse preciso momento, ele pode se afirmar com tanta intensidade que percebemos através dele, por assim dizer, o impulso criativo de todo o Cosmos: a ardente libélula escarlate, o martim-pescador de azul e verde metálico brilhante, que é um relâmpago e um pensamento fugaz e, no entanto, nada mais do que um corpo frágil, uma aspiração da matéria a ser mais do que uma simples substância, durando apenas cinco curtos anos (WEBER, 2017, p. 55).

Talvez ampliando a atenção flutuante para os demais seres, consigamos interligar estes aspectos que Weber nos aponta como copertinentes, e cuja dificuldade caracteriza os humanos brancos, conforme escutamos de Kopenawa. Se na psicanálise a escuta dos sonhos promoveu o acesso ao mundo selvagem “de dentro”, parece que a escuta do selvagem “interligado” passa por abrir-se para a multidimensionalidade da morte e por alargar o mundo dos sonhos para se tornar forma de conhecimento e ato político (LIMULJA, 2022, p. 53)<sup>13</sup>... Será que conseguimos decolonizar nossa herança ocidental, abrindo-nos a estas dimensões?

### SOM 3: UM OUTRO MAL-ESTAR

O diagnóstico de Kopenawa sobre a pobreza e o esquecimento do humano branco leva a pensar que a questão do mal-estar aguarda um trabalho de decolonização: Freud também foi influenciado pela falha comum presente na época, da concepção dualista que correlaciona a natureza com a matéria não inteligente e puramente instintiva, estabelecendo-a como uma esfera à parte da humanidade. “Estivemos percebendo a nós e ao restante da natureza vivente incorretamente porque as ciências naturais estiveram estudando organismos sob uma luz errada (ou, ao menos, uma luz seriamente incompleta) por séculos” (WEBER, 2016, p. 9).

Se este dualismo vigente desde Descartes é falho porque nos aliena do compartilhamento de nosso chão, o quanto a abordagem freudiana do mal-estar da cultura (FREUD, 1930) pode ter sido limitada por este viés? Ampliando a atenção flutuante, não será preciso escutar um outro mal-estar, o causado pelo des-conhecimento de nosso pertencimento à natureza?

<sup>13</sup> Hanna Limulja (1982-), mestra e doutora em antropologia, trabalha com os yanomami desde 2008, e fez sua pesquisa acadêmica sobre o modo de sonhar yanomami, que resultou no livro citado. É interessante que a autora relata que além de entrevistar os yanomamis sobre seus sonhos, ela passou a ter seus próprios sonhos dentro do contexto pesquisado.

Por exemplo, precisamos aceitar como certa a diferença conceitual entre “natureza” e “cultura”, cunhada na Renascença europeia? O ecofilósofo Bruno Latour<sup>14</sup> (2020) comenta que nas línguas indígenas não existem palavras diferentes para natureza e cultura. Tudo está interligado e tem subjetividade! E justamente por manterem sua compreensão dessa interligação, os povos ancestrais são os que melhor preservam os pulmões do planeta, por vezes às custas da própria vida, como expressou Roberto Zwetsch<sup>15</sup> (2020). Isso nos convida a pensar com Ailton Krenak (2022) e Lara Lutzenberger (2020) sobre o quanto a afirmação da cisão natureza-cultura foi responsável pela desconsideração da vida dos seres mais que humanos, e por conseguinte da destruição que assola a todos.

Weber aponta que essa alienação nos últimos 150 anos coincide com o maior adoecimento psíquico já vivenciado e com o incremento da violência contra a vida. O mal-estar cresce exponencialmente porque nosso corpo, alma e espírito se sentem privados de sua sensibilidade originária, de sua conexão com o Eros da terra.

A estrutura conceitual que inventamos para entender os organismos é a razão mais profunda de nossa catástrofe ambiental. Estamos extinguindo a vida porque nos cegamos para seu caráter real. [...] É possível que na crise ambiental global estejamos prestes a destruir algo sem o qual não podemos existir. O ser humano pode ser ameaçado por uma perda emocional que afetará adversamente a estrutura básica de seu caráter (WEBER, 2016, p. 9).

Sigo aqui com o alerta de Weber: o incremento da depressão, junto com as doenças cardíacas e circulatórias, foi alimentado em grande parte pela crescente alienação da natureza.

Crianças em países industrializados não são capazes de nomear mais do que duas ou três plantas nativas, e os adultos conhecem mais marcas de automóveis do que nomes de pássaros. Nos Estados Unidos, o escritor Richard Louv propôs acrescentar uma nova doença ao catálogo clínico: o transtorno de déficit de natureza (WEBER, 2016, p. 8).

Mais uma fissura oriunda da desconexão com o Eros da terra, com consequências funestas que ainda nem conseguimos mapear...

Pfister, em 1928, reagindo ao texto freudiano *O futuro de uma ilusão*, escreveu no texto resposta *A ilusão de um futuro* que não concordava com a dualidade natureza-cultura, pois para ele “a cultura seria somente natureza humana desenvolvida”, e acrescenta: “Quem liberta o conceito da natureza de seu falso estreitamento, constata no desenvolvimento da cultura a mesma

<sup>14</sup> Bruno Latour (1947-2022), um dos maiores pensadores franceses deste tempo, é responsável pela “virada ecológica” na consideração dos seres humanos e não humanos no âmbito científico. É pensador da filosofia da natureza e da ecologia política.

<sup>15</sup> Roberto Zwetsch (1952-) é indigenista, teólogo e poeta, tendo morado muitos anos com sua família entre o povo Surui/Paiter, RO, e depois com Kulina/Madiahá no Alto Purus, AC. Esta experiência mudou sua perspectiva de vida, sensibilizando-o para a defesa dos povos originários. Sua tese de doutorado intitulou-se *Missão como com-paixão*. Professor pesquisador associado da Faculdade EST, escreve em diversos periódicos sobre religião e antropologia, comunidades indígenas, teologia da paz, teologia e ecologia.

*sintonia mútua entre a pessoa e o restante do mundo...*" (PFISTER, 2003, p. 22). Essa sintonia mútua ecoa até as palavras de Krenak (2020), para quem justamente a conexão com a natureza promove a escuta das camadas mais profundas da vida, tão presentes nas culturas em harmonia com o mundo natural.

A redescoberta de nosso pertencimento à natureza também passa por repensar e sentir de outra forma nossa ligação com os demais seres, para além das relações espaço-tempo. Deve-nos fazer pensar o dado de que as culturas que mais preservam a natureza são as que a percebem como sagrada. Pfister também expressou suas críticas sobre a lacuna da psicanálise no apreciar a espiritualidade de indivíduos não neuróticos para pensar em formas de crença para além das obsessivas e histéricas (PFISTER, 2003). Precisamos voltar a falar de sentimento oceânico, de mística, de sagrado...

Não podemos aprofundar o tema aqui, apenas citar quem já o fez (MORANO, 2003; MAURANO; ALBUQUERQUE, 2019, entre outros) e procurar ver nos movimentos contemporâneos de espiritualidade contemplativa na natureza, como nas *Wild Churches*,<sup>16</sup> uma busca de reunir o que a compreensão ocidental separou.

Seguindo esse raciocínio, cabe perguntar se não há menor sentimento de desamparo perante as forças da natureza numa cultura capaz de perceber sentido nos fenômenos catastróficos da natureza? Escutar nas emergências climáticas que assolam o planeta mensagens da Terra/Pacha Mama/Gaia agonizante pode aproximar e unir as pessoas para construir formas melhores de lidar com elas. Na concepção modernista baseada em Comte, seria um resquício de animismo "atrasado"... No entanto, as pesquisas científicas mais avançadas dão razão a estas cosmovisões "primitivas"; a psicologia social e a antropologia mostram seu grande valor para a resiliência e o amparo em meio ao sofrimento (ABRAM, 2010; KOPENAWA; ALBERT, 2015; KRENAK, 2022; LATOUR, 2020; TSING, 2022; TEIXEIRA, 2022). O reconhecimento de que estamos em comunhão com outras subjetividades traz maior lucidez às ações de preservação da vida. E diminui a sensação de solidão e impotência.

#### **SOM 4: A ESCUTA AMPLIADA NA CLÍNICA**

Como exercitar essa escuta ampliada na clínica? A partir do meu processo de reflorestamento, tenho entendido que quando um paciente fala de encontros com seres mais que humanos – árvores, pássaros, paisagens – e experiências emocionais na natureza com um nascer ou pôr de sol, a praia, a montanha – trata-se de algo profundo que quer ser reconectado, não apenas com sua história infantil, mas também, e talvez principalmente, com as dimensões relacionais eróticas do mundo que compartilhamos todos. O sentido é o de saudade de pertencimento, retorno de um certo *exílio* a que nossa cultura nos alijou com suas dicotomias (ABRAM, 2017).

<sup>16</sup> Movimento fundado por pastores e pastoras cristãos que, independentemente de cor denominacional, entende o contato com a natureza como retorno ao sagrado, e por isso realiza seus ofícios em lugares abertos, sem templos, e a liturgia se embasa na contemplação da natureza, o que muitas vezes leva o grupo a ações de preservação e ativismo ambiental. Ver Victoria Loorz (Wild Church Network, disponível em: <https://www.wildchurchnetwork.com/>).

Ampliando a escuta e aprofundando o significado desses encontros, criamos um clima de maior liberdade para pacientes verbalizarem e associarem sobre suas relações vivas com plantas e animais, inclusive sobre suas comunicações com estes seres. Estabelece-se assim uma relação de maior confiança para trazer o insólito, o in-familiar, sem reduzi-lo ao mundo das projeções.

Da minha parte, como analista, presto atenção às imagens e pensamentos que me sobrevêm durante as falas dos pacientes, e noto que se intensificaram as ligações compostas de figuras da natureza. Por exemplo, numa descrição de confusão e caos, comparece a imagem de um arvoredo devastado por ventania, e já não o considero “distração”, mas “indício” de algo que diz respeito ao paciente. Quando verbalizo o que me vem, noto que o paciente o sente acertado para figurar sua situação. Essa comunicação funciona como metáfora e simultaneamente como re-enraizamento no mundo natural, do qual ambos fazemos parte.

Também em discussões clínicas ou teóricas junto a colegas, ousos mais verbalizar as imagens da natureza que espontaneamente comparecem na minha mente. Por vezes me sinto trazendo linguagens “estranhas”, mas noto que fazem sentido e abrem para novas associações “selvagens”... enfim, todos temos raízes na erótica da Terra!

Os povos originários que aqui estavam antes da invasão portuguesa ainda vivem nessa comunhão com o mundo natural. Relacionam-se com o solo, os animais, a montanha, o rio e a partir deles enxergam mais longe e compreendem mais. Como expressa Krenak: “Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir” (2022, p. 14). Neste contexto, cabe perguntar: Por que, depois de mais de um século de psicanálise no Brasil, ainda há tão pouco diálogo com os povos da floresta e suas cosmovisões, práticas terapêuticas e de interpretação de sonhos?

Andreas Weber alerta para o risco psíquico contido nesse estreitamento a que estamos acostumados:

Para os humanos, o maior risco de perda de biodiversidade é enterrar esse entendimento [da conexão profunda]. Sem a experiência da beleza natural, nossas almas estão fadadas a perder uma parte importante de sua capacidade de compreender o que significa a graça [de viver] e de agir de acordo com esse entendimento. Sem experimentar nossa verdadeira conexão emocional e física com o restante da vida, corremos o risco de ter identidades atrofiadas e deformadas; ansiaremos narcisicamente por uma completude que sozinhos não podemos alcançar (WEBER, 2016, p. 8).

E na continuação, um apontamento para o papel terapêutico dessa conexão profunda com nosso pertencimento à natureza:

Talvez o papel psicológico mais importante que os outros seres desempenham seja o de nos ajudar a nos reconciliar com nossa dor, nossa inevitável separação como indivíduos do restante da teia da vida e de nossas existências efêmeras. A característica primordial da natureza é que ela sempre ressurgue, trazendo uma nova vida. Mesmo a catástrofe mais devastadora dá lugar, com o tempo, a brotos verdes de renascimento e produtividade e, portanto, à esperança para nós mesmos (WEBER, 2016, p. 8).

Ou seja, evocar a conexão com o mundo natural é profundamente terapêutico, e isso encoraja a escuta do latente nessa reconexão. Saberemos afiar nossos ouvidos para os desafios que nos aguardam nesses tempos de voltar a conjugar o “nós” com os mais que humanos, também na clínica? “Nós” conjugado da forma mais desafiadora, em alteridade: “Nós é o resultado de um ‘eu’ que se abriu (que abriu para aquilo que ele não é), que se dilatou, se colocou fora, se ampliou”, escreve Marielle Macé, com o convite de imaginar conjugações diversas das usuais, fazendo e desfazendo coletivos conhecidos (2023, p. 25). Novamente, o *un-heimlich* bate à porta...

### SOM 5: O PARADOXO DA CRIATIVIDADE NA DESTRUÇÃO

Em meio às leituras “diferentes” que essa busca de reflorestamento provocou, deparei-me com o livro da antropóloga sino-americana Anna Tsing<sup>17</sup> (2022), *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. O ponto de partida foi investigar a relação entre humanos e mais que humanos, no caso, entre catadores de cogumelos e a teia de árvores e fungos que os produzem. Como aponta Faustino Teixeira,<sup>18</sup> este livro nos ajuda a lidar com os tempos difíceis que vivemos, desde que haja abertura para aprender com a capacidade incrível desse mundo invisível e seus caminhos de sobrevivência e colaboração.

É uma ilusão acharmos que nós humanos estamos no comando da floresta e seus habitantes. Mais do que nunca se impõe a humildade necessária. A vida dos fungos é mesmo surpreendente para nós, e dribla os nossos preconceitos. *Trata-se de uma trama que quebra radicalmente nossas definições antropocêntricas e nossa percepção do que é inteligência*. Esses pequenos organismos nos dão continuamente lições e nos ajudam a repensar o significado de “resolução de problemas”, “comunicação”, “tomada de decisão”, “aprendizado” e “memória” (TEIXEIRA, 2022, p. 8, grifo meu).

Se estes aprendizados parecem se situar mais na esfera do ego e suas relações com a realidade externa, penso que para psicanalistas os fungos também podem ensinar a perseguir trilhas inusitadas de comunicação “no escuro”, e vislumbrar o surgimento de brotos de vida (“retoños”, dizia Silvia Bleichmar em suas conferências) em lugares surpreendentes. No texto sobre o recalque, Freud (1915) utilizou as características dos fungos para expressar que os conteúdos recalcados “proliferam no escuro” (tradução livre do original alemão).

<sup>17</sup> Anna Tsing (1952-), antropóloga de origem chinesa nascida nos Estados Unidos, professora da Universidade da Califórnia/Santa Cruz. Junto com Donna Haraway cunhou o termo “Plantationoceno”, como alternativa ao Antropoceno, para ressaltar que as grandes mudanças não foram ocasionadas por todos os humanos, mas por aqueles que introduziram o sistema de culturas que implicam o uso intensivo da terra, mão de obra forçada por migração e escravidão, destruição de ecossistemas, da biodiversidade e extinção de espécies. O livro acima citado mostra a possibilidade de surgimento de novas opções de vida digna na relação com as plantas, na recuperação de identidades deterioradas pelo capitalismo através da agregação cultural.

<sup>18</sup> Faustino Teixeira (1954-) é professor aposentado da UFJF na área de ciências da religião, atualmente pesquisando a virada animal e vegetal na literatura (cf. Cadernos IHU Ideias, v. 20, n. 345, ano XX, 2022). Afirma que “só a nossa mudança de perspectiva de humanos como centro do universo é capaz de iluminar verdadeiras saídas. [...] Na contramão de um exclusivismo humano, que dominou o horizonte de nossa reflexão, tomamos consciência de que somos parte do vivente e não ponto de chegada de sua formatação”.

Há que levar hoje mais a sério esse aprendizado com o mundo natural e sua capacidade de resistência e resiliência. Na união de pesquisas sofisticadas com os saberes dos povos originários, a dança da vida pode criar formas de viver em meio às ameaças e gerar o que Eduardo Viveiros de Castro<sup>19</sup> nomeou *resistência* e que serviu de base para a mobilização que Eliane Brum e os psicanalistas da Clínica do Cuidado fomentaram para escutar os ribeirinhos expulsos pelas obras da barragem de Belo Monte em Altamira (BRUM, 2021).

#### SOM 6: RECUPERANDO AS RAÍZES ORAIS DA ESCUTA

A psicanálise tem sido, nesses tempos de massificação, um lugar privilegiado de valorização da subjetividade, de reencontro com sua própria voz. Preservamos espaços de escuta do irrepetível de cada ser humano em busca de narrar sua história desejante. Significativamente, “enraizar” o espaço de fala nas análises se enlaça com a importância da preservação dos povos de cultura oral, para David Abram:

Quando a cultura oral se degrada, a mente mediada perde o seu suporte, *esquecendo a sua dívida contínua para com o corpo e a arte respiratória*. Abandonado a si mesmo, o intelecto letrado, à deriva no jogo dos signos, passa a ver a natureza como um signo, ou um complexo de signos. *Esquece que a terra não é antes de mais nada um texto misterioso para ser lido, mas uma comunidade de seres vivos e falantes aos quais estamos em dívida*. Adepto da representação verbal do mundo, o intelecto letrado esquece como se orientar no meio da presença do mundo, *como ouvir aquelas muitas vozes que não falam em palavras* (ABRAM, 2010, p. 187).

Se nossa escuta não se ampliar, corremos o risco de nos atolarmos no mundo das representações e signos, desancorados da vivacidade erótica da Terra. Desta forma nos tornamos incapazes de trabalhar as dores e o mal-estar oriundos do desenraizamento de nossa condição de húmus, esquecidos do nosso parentesco com os mais que humanos. E nestes tempos de opressão digital, corremos o risco de não ajudar a remover o esquecimento de que todos pertencemos a um mundo que não foi criado nas redes sociais, e assim mantendo a ignorância de nossa encarnação no mundo real que nos gerou.

Manter o lugar de narrar-se como sujeitos em meio a outros sujeitos não humanos, escutando a polifonia de vozes sem os dualismos antropocêntricos, torna-se uma tarefa ecoerótica que fortalece a vida. Desse ângulo se revela o parentesco entre psicanalistas e comunidades orais que preservam as raízes da

<sup>19</sup> Eduardo Viveiros de Castro (1951-), antropólogo que teve Claude Lévi-Strauss como mentor; professor do Museu Nacional/UFRJ; professor visitante em Chicago, Cambridge e Manchester; *doutor honoris causa* pela Universidade de Paris/Nanterre. Criador do conceito de perspectivismo ameríndio, que trata de resgatar “aspectos próprios de inúmeras cosmologias dos povos ameríndios, podendo ser categorizado a partir de dois pressupostos: primeiramente, o mundo é povoado de muitas espécies de seres (inclusive não humanos) dotados de consciência e de cultura; em segundo lugar, cada uma dessas espécies vê a si mesma e as outras espécies de modo bastante peculiar: cada uma se vê como humana, vendo todas as demais como não humanas, isto é, como espécies de animais ou de espíritos. [...] A compreensão de cosmologias não ocidentais exige que ponhamos em suspeição as categorias com que organizamos o nosso pensamento e tornamos a realidade inteligível” (“Perspectivismo”. In: Wikipedia. Disponível em: [pt.wikipedia.org/wiki/Perspectivismo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Perspectivismo)). A partir de sua convivência estreita com as culturas indígenas por décadas, afirma que para nossa sobrevivência teremos que ver o mundo a partir da sua perspectiva.

vida contra as destruições tanáticas provocadas por quem se alienou de seu lugar. Um tema a desenvolver na riqueza dos povos orais que nos circundam no Brasil:

Quando as histórias orais não são mais contadas nas florestas ou ao longo das margens dos riachos – quando a terra não é mais honrada em voz alta como um poder expressivo e animado, então os sentidos humanos perdem sua sintonia com o mundo mais que humano. Cada vez menos pessoas são capazes de sentir a pulsação particular do seu lugar; muitos não percebem mais, e muito menos respondem, às articulações fluentes da terra. Cada vez mais cega, cada vez mais surda – cada vez mais impermeável ao mundo sensual – a mente tecnológica progressivamente devasta a terra animada (ABRAM, 2010, p. 287).

Optei por manter o “progressivamente” na tradução para também indicar que nossa noção colonialista de “progresso” é uma das causas da devastação! E Abram segue: “Hoje, a nossa alardeada civilização despeja os seus subprodutos nos ventos e nas águas. O tempo inclina-se para a catástrofe...”

Na sequência, em harmonia com a escuta ampliada enunciada por Rossi, ele fala de renovar essa capacidade:

Podemos renovar em nós mesmos um sentido implícito do significado da terra, de sua própria eloquência polifônica? *Não sem renovar a arte sensorial de ouvir e a arte sensual de contar histórias* (ABRAM, 2010, p. 289, grifo meu).

Poucas vezes falamos sobre a arte de falar e escutar com tal vivacidade e polifonia na clínica. O convite é para trazer para dentro de nossos consultórios, supervisões e discussões as palavras de Abram sobre o falar vivo, desfazendo a compreensão equivocada e higienista da “neutralidade”. O paradigma será a vivacidade de uma conversa sem divisão mente-corpo:

Cultivar a cultura oral significa que temos um novo prazer na conversa simples, tornando-nos gradualmente mais conscientes das qualidades sonoras da nossa voz e do encanto sonoro audível da nossa fala. *Podemos conversar uns com os outros menos como mentes abstratas e mais como seres corpóreos e terrenos engajados com outros habitantes da terra?* Uma nova (e, ainda assim, em certo sentido, muito antiga) atenção à *ressonância visceral da nossa fala, ao ritmo das palavras e à música de frases específicas*, é uma forma óbvia de falar de acordo com os nossos sentidos, uma forma de *falar sem se dividir em uma inteligência falante aqui em cima e um corpo mudo ali embaixo*. Essa sintonia com a qualidade melódica da linguagem falada também alinha nossos interlocutores com seus próprios sentidos (ABRAM, 2010, p. 291, grifo meu).

Em outras palavras, nossa vivacidade e escuta ampliada despertam em quem nos escuta o mesmo impulso... em direção à vida reconectada!



## CONCLUINDO PARA SEGUIR MAIS ALÉM

*É verão, e aos poucos horizonte e sol se aproximam. O som das cigarras em ondas contínuas preenche o ar quente. O sol parece se demorar mais, mas aos poucos as sombras se achegam, e se alongam. Os pássaros voam na quase penumbra, em busca do último petisco. Apenas o sabiá insiste no seu canto... e no lusco-fusco a corujinha do mato inicia seu piar. Duetos inusitados, encontros dos seres do dia com os da noite, iluminados pelos pirilampos que voam à procura das fêmeas radiantes que os aguardam pousadas. Tudo pleno de desejo, de vida!*

Entre o dia e a noite, entre vozes do claro e do escuro, entre o consciente e o inconsciente... Não será este o lugar do psicanalista? Com a escuta ampliada para sentir o pulsar da Terra e seus seres, não estará mais apto a responder às demandas de Eros contra Thanatos? O convite é para tomar o caminho de sensibilização progressiva, de exposição ao *unheimlich* e ao erótico da Terra. Talvez, na precariedade destas intuições, tenhamos de dizer com Anna Tsing na linguagem dos fungos que “Por ora, trata-se apenas do prazer do pensamento: a estratosfera arejada da mente, carregada de esporos” (2022, p. 332).

O voo livre dos esporos nos convida para perceber na clínica e no social o anímico “carregado” de esporos de Eros – voam por tudo, em humanos e mais que humanos, e frutificam no escuro do solo, entre as raízes antigas e novas. Se arejarmos nossa percepção interna e externa, captaremos onde estão seus derivados/frutos. Esse tema renderá uma outra conversa, depois dos esporos darem mais algumas voltas nas novas leituras, escutas e escavações...<sup>20</sup>

Convido Andreas Weber, pela última vez, a conjugar para nós desejo, vida, morte e amor:

Visto desta forma, cada forma de vida se torna o centro do universo, uma singularidade na qual a essência da criação é plenamente revelada: ou seja, o desejo de ser que toma forma como desejo, não como soberania ou autodomínio material. É por isso que a vida é fácil de destruir. Dentro de si, a vida já carrega a morte, que apenas espera que a porta se abra para ela; a vida é uma teia delicada de desejo por uma singularidade completamente sem propósito e não sancionada. Mas porque esse desejo dirige cada estágio através do qual a substância se transforma, através do qual os átomos mudam de posição, ele se torna o molde indestrutível, a fonte de todas as formas. A bondade prevalece, por assim dizer, mas prevalece em um nível tão baixo que *devemos ter muita paciência com ela. Aprender esta paciência significaria aprender a amar; significaria pegar a vida pela mão e nos tornar instrumentos dessa aspiração profundamente curativa* (WEBER, 2017, p. 55, grifo meu).

<sup>20</sup> Penso que aqui, ao final, cabe colocar mais alguns dados do meu currículo “verde”: moramos num condomínio rural ao lado de uma grande araucária e com um pequeno bosque ao fundo. Começamos a observar o que os animais comiam no terreno, e deixamos crescer, além de plantar o que os atraía. Em pouco tempo nosso terreno ficou tomado de vegetação apetitosa para insetos, pássaros, répteis e mamíferos. Nossa estética mudou nesse processo, e já não curtimos jardins bem aparados, antes vibramos com a diversidade que se revela a cada “visita”. Leituras de ecofilosofia, ecologia, permacultura nos dão o suporte para o seu manejo, aliado a leituras contemplativas e paradas na rotina do dia. Junto com os cachorros, as lagartas e borboletas, entre outros animais, e cercados de plantas PANCs e árvores nativas, vamos aprendendo uns com os outros.

Que possamos, no nosso ofício de psicanalistas, cultivar essa amorosa paciência para com a vida que insiste em desejar! Somos uma ciência *lenta*, no dizer de Isabelle Stengers (2023), em que se toma o tempo necessário para a imaginação e a criatividade em meio a destroços, e é disso que o mundo precisa para superar sua sanha destrutiva.

Será um otimismo ingênuo? Olho para minha vizinha araucária, ferida por muitas tempestades, mas cheia de vigor até nos galhos que caíram e insistem em brotar – e nos sinto em contato com uma grande força – Eros!

## REFERÊNCIAS

- ABRAM, David. *A magia do sensível*. Lisboa: Calouste, 2007.
- ABRAM, David. *Becoming animal: an earthly cosmology*. Nova York: Vintage, 2010.
- ABRAM, David. *The spell of the sensuous: perception and language in a more-than-human world*. 20. ed. Nova York: Vintage, 2017.
- BRUM, Eliane. *Banheiro òkótó: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- BACH JÚNIOR, Jonas. A pesquisa de Goethe com as cores e a educação fenomenológica. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 805-822, mai./ago. 2015. Acesso em: 26 jan. 2024.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FARIAS, Ana Lizete. *A psicanálise e o meio ambiente*. Curitiba: Medusa, 2021.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas (Vol. XVIII)*. Rio de Janeiro: Imago, 1977a. p. 157-186.
- FREUD, Sigmund. Die Verdrängung. (1915) In: FREUD, Sigmund. *Psychologie des Unbewussten*. Studienausgabe (V. III). Frankfurt: Fischer, 1982
- FREUD, Sigmund. *O infamiliar [Das Unheimliche]* (1919). Ed. comemorativa bilíngue. São Paulo: Autêntica, 2019.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. (1930) In: FREUD, Sigmund. *Obras completas (Vol. XXI)*. Rio de Janeiro: Imago, (1977b). p. 81-178.
- FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas (Vol. XVIII)*. Rio de Janeiro: Imago, 1977c. p. 171-195.
- HARAWAY, Donna. *A reinvenção da natureza: símios, ciborgues e mulheres*. São Paulo: WMF, 2023.
- KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *O futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo: UBU, 2020.
- LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*. São Paulo: Ubu, 2022.
- LUTZENBERGER, Lara. “Entrevista com a ambientalista Lara Lutzenberger, participante da mesa-redonda da Jornada 2020 sob o título “Tempo de pandemia: demasiadamente des-humano”. *SIG Revista de Psicanálise*, v. 17, n. 2, ano 9, p. 93-99, jul.-dez. 2020.
- MACÉ, Marielle. *Nossas cabanas: lugares de luta, ideias para a vida em comum*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

## EM PAUTA

MAURANO, Denise; ALBUQUERQUE, Bruno. Lacan e a experiência mística à luz da psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 22, p. 439-456, 2019.

MORANO, Carlos Dominguez. *Crer depois de Freud*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

NOGUEIRA, Marcos Eduardo. Freud: um duplo de Goethe. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 30, n. 55, p. 77-80, jun. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952008000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952008000100009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 9 fev. 2024.

PFISTER, Oskar. A ilusão de um futuro. In: WONDRACEK, Karin H. K. (Org.). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROSSI, Claudio. Nada é insignificante, nada é desprezível: comentário à entrevista de Paulo Nogueira-Neto. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 25-29, dez. 2007.

STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2023.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). Mundo invisível: a teia vital sob nossos pés. *Cadernos IHU Ideias*, v. 20, n. 345, ano XX, 2022.

TSING, Anna. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

WEBER, Andreas. *Biology of wonder: aliveness, feeling and the metamorphosis of science*. Gabriola Island: New Society, 2016.

WEBER, Andreas. *Matter and desire: an erotic ecology*. White River Junction: Chelsea Green, 2017.

WONDRACEK, Karin H. K. "Do dobrar-se sobre o seu próprio solo"... convite à fenomenologia da vida de Michel Henry em tempo de catástrofe climática. *Estudos Teológicos*, v. 63, n. 1, p. 201-218, 2023.

WONDRACEK, Karin H. K. Entre o chão e o divã: anotações para pensar a relação entre ecologia e psicanálise. *A Gazeta*, v. 18, p. 3-5, dez. 2022.

WONDRACEK, Karin H. K. *Ser nascido na vida: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. 2010. 258 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/158>. Acesso em: 25 mar. 2024.

ZWETSCH, Roberto. Entre a vida e a morte, a bênção ou a maldição. *SIG Revista de Psicanálise*, v. 17, n. 2, ano 9, p. 19-30, jul.-dez. 2020.